

## O processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa por meio do modelo de rotação por estações

Natália Leão Prudente<sup>1</sup>

### Resumo

O aluno que está em sala de aula hoje é dissonante daquele que exercia esse papel no século passado. Segundo Marc Prensky (2010) os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem são nativos digitais, acostumados com diversas tecnologias que proporcionam acesso a uma grande quantidade de informações em menor tempo, modificando, assim, formas de pensar e construir conhecimento. O ensino híbrido (blended learning) oferece a possibilidade de envolver o aluno como participante ativo do processo, pois integra tecnologias digitais ao currículo escolar e permite que o conhecimento seja cada vez mais significativo e se afaste do lugar abstrato que ele tende a ocupar nas salas de aula tradicionais. Entender, pois, o aluno como sujeito primordial do processo de ensino-aprendizagem é essencial para construção de uma aprendizagem significativa por meio da mediação do professor ao trabalho individual, com pares e/ou em grupos. Isso posto, objetiva-se investigar a maneira pela qual o trabalho por meio de rotação por estação (HORN & STAKER, 2015) influencia o processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa em salas de aula, muitas vezes, numerosas e heterogêneas. Para tanto, por meio da aplicação de um plano de aula que se baseia nesse modelo em uma turma do curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, no Instituto Federal Goiano – Campus Iporá, baseando-se nas observações da aula e na coleta de dados confirma-se hipóteses como: o modelo amplia a conexão do professor com os alunos, potencializa o aprendizado da língua alvo, torna o ensino mais significativo para os sujeitos inseridos no processo, muitas vezes desmotivados por modelos de ensino tradicionais, personaliza o ensino de modo que cada um participe ativamente do processo por meio do diálogo com o outro.

**Palavras-chave:** Rotação por estações. Ensino híbrido. Ensino-aprendizagem.

### Abstract

The student that is in class today is dissonant from the one that held this role in the past century. According to Marc Prensky (2010), the involved people in the teaching-learning process are digital natives, accustomed to the world with various technologies that provide access to a lot of information in less time, modifying, therefore, their ways of thinking and building knowledge. The blended learning offers the possibility to involve the student as an active participant of the process, as it integrates digital technologies to the school curriculum and allows knowledge be increasingly significant and away from the abstract place that it tends to occupy the rooms of traditional class. Understand, therefore, the student as the mainly subject of the teaching-learning process is essential in the construction of a meaningful learning through the mediation of the teacher to individual work with peers and/or in groups. That said, the objective is to investigate the way in which work through the rotation by stations model (HORN & STAKER, 2015) influences the English language teaching-learning process in classrooms often numerous and heterogeneous. To that end, by applying a lesson plan based on that model in a class of the Technical Course in Integrated Agricultural to high school, at the Instituto Federal Goiano - Campus Iporá, based on classes' observation and data collection confirms assumptions as the model extends the teacher's connection with students, enhances the learning of the target language, makes the most significant education for subjects inserted in the process, often motivated by traditional teaching models, customize the way of teaching each actively participate in the process through dialogue with the other.

**Keywords:** Rotation by stations. Blended Learning. Teaching-Learning process.

<sup>1</sup> Mestre em Literatura. Professora do Instituto Federal Goiano – campus Iporá.

## 1 Introdução

O ensino híbrido é um modelo de ensino-aprendizagem que propõe que tecnologia e educação tradicional se aliem para criar uma nova abordagem que promova o interesse dos alunos, cada vez mais conectados ao mundo digital. Possibilita, ainda, que tanto o ambiente *online* quanto o ambiente físico tornem-se um espaço propício para que o processo de ensino-aprendizagem seja eficaz, adaptando-se às necessidades de cada professor e de cada aluno.

Não é difícil encontrar estudantes que apresentem dificuldades em interpretações textuais ou em entender estruturas básicas da língua alvo, como o uso do presente, passado ou futuro. No modelo tradicional de ensino, majoritariamente representado por aulas expositivas e resolução de exercícios, a dificuldade desse aluno será detectada apenas se ele expressar suas dúvidas durante a aula (o que poucos fazem) e/ou mediante a correção de uma avaliação (geralmente feita ao final do bimestre), cujos erros detectados são explicados em aula posterior, rapidamente e de maneira homogênea. Os resultados desse modelo de ensino são estudantes desmotivados e frustrados com suas dificuldades, dúvidas que se amontoam e que interferem na eficácia do processo de ensino-aprendizagem, além de uma culpabilidade direcionada ao aprendiz, que ele não possui.

Em contrapartida, o ensino híbrido permite ao aluno se responsabilizar pela sua própria aprendizagem e fazer atividades de maneira individual ou colaborativa, que lhe ajudem a apreender determinado conteúdo e esclarecer dúvidas. As atividades possibilitam diversas ferramentas tecnológicas (vídeos, formulários *online*, fóruns de debate) e diferentes opções didáticas (ensino centrado no aluno, aprendizagem colaborativa, atividades de *listening, speaking, writing* e *reading*) que valorizam a interação entre professor/aluno e entre aluno/aluno. Além disso, é importante para o estudante poder ter em seu próprio tempo, já que cada um aprende de uma determinada maneira, apesar de o sistema escolar categorizar o indivíduo “aluno” como um grupo de seres homogêneos que aprendem no mesmo ritmo.

Segundo Marc Prensky (2010), o aluno do século XXI é um nativo digital, acostumado a utilizar instrumentos tecnológicos para o acesso rápido às informações, portanto é muito difícil para o professor (geralmente um imigrante digital) conseguir a

atenção integral dos estudantes durante cinquenta minutos de uma aula expositiva. De modo a sanar essa dificuldade, os modelos de ensino híbrido<sup>2</sup> auxiliam o professor a planejar a aula de maneira mais dinâmica, eficiente e personalizada, colocando-se como orientador em todas as etapas do processo, que podem ser delineadas de inúmeras formas.

Dentre os tipos de ensino híbrido (modelo de rotação, flex, à la carte e virtual enriquecido) optou-se pela utilização do modelo de estação por rotações, já que nele “os estudantes são organizados em grupos, cada um dos quais realiza uma tarefa, de acordo com os objetivos do professor para a aula em questão” (BACICH, TANZI NETO & TREVISAN, 2015, p. 55). Nesse modelo não há necessidade de grandes mudanças no espaço físico da sala de aula, apenas a montagem de todas as estações que serão utilizadas e a distribuição dos alunos dentre elas. Além disso, a variedade de recursos tecnológicos disponíveis favorece a personalização do ensino.

De acordo com Manuel Castells (2009) a transição da era industrial, caracterizada pela produção em linhas de montagem, para a pós-industrial acarretou uma quebra nos padrões verticais de organização social, dando origem a formas menos hierárquicas, horizontalizadas, culminando no que chamamos de sociedade em rede. Da mesma forma a estrutura da escola tende a mudar, inclusive em seu eixo físico, com modelos cada vez mais disruptivos que rompem padrões seculares do ensino entre quatro paredes.

Michael Horn (2015) define que há opções sustentadas e disruptivas no ensino híbrido. A opção sustentada é criar uma solução híbrida que forneça aos educadores as vantagens do ensino *online* combinadas a todos os benefícios da sala de aula tradicional. A opção disruptiva é empregar o ensino *online* em novos modelos que se afastem do espaço de sala de aula tradicional e enfatizem inicialmente nos não consumidores<sup>3</sup> que valorizam a tecnologia pelo que ela é – mais adaptável, acessível e conveniente.

<sup>2</sup> Para mais informações sobre os modelos de ensino híbrido ver HORN, Michael B.; STAKER, Heather. *Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação*. Porto Alegre: Penso Editora, 2015.

<sup>3</sup> Segundo CHRISTENSEN, HORN & JOHNSON (2012), são aqueles consumidores cuja alternativa ao uso da nova tecnologia é não usar nada. Mantendo-se fiel a este padrão, o ensino *online* inicialmente se estabeleceu em áreas onde os estudantes, educadores e famílias o consideraram melhor que a alternativa — não fazer nada. Estas áreas incluem os cursos avançados e outros cursos especializados; escolas pequenas, rurais e urbanas que não conseguem oferecer conteúdos mais abrangentes; recuperação de créditos disciplinares; e estudantes que abandonaram o ensino médio ou foram educados em casa e saíram do sistema.

Nossa escola não é altamente disruptiva a ponto de inserirmos modelos *à la carte* ou virtual enriquecido que atribuem a maior parte da responsabilidade do processo ao aluno que na maior parte do tempo utiliza o ambiente de aprendizagem virtual e pouco permanece no ambiente físico da escola. Tendo em vista aquilo que nos é permitido pelo sistema escolar, o modelo de rotação é o que melhor se adapta à organização quadrada do espaço por permitir que as inovações sejam feitas aos poucos, se houver erros é possível voltar um passo ou andar dois passos de uma vez se a receptividade for boa, até alcançarmos o modelo ideal de ensino híbrido em que o estudante é participante ativo em sua aprendizagem e decide onde, como e quando fazer.

Acreditamos ainda que o modelo de rotação por estações privilegia a aprendizagem colaborativa em pares ou em grupos em que cada aluno ajuda o outro por meio do diálogo. É possível agrupar os alunos de maneira que aquele que domina mais o conteúdo fique no mesmo par daquele que ainda tem dúvidas ou até mesmo formar um grupo de alunos que ainda precisam aprender um aspecto do conteúdo e do qual o professor possa ficar mais próximo, auxiliando na realização de suas atividades. Ainda, pode-se permitir que os alunos escolham seus grupos por meio das afinidades de cada um. O agrupamento dos alunos por meio dos diversos níveis de apreensão do conteúdo é interessante, pois permite a seleção de atividades apropriadas a cada um, de modo que lacunas de aprendizagem em conteúdos prévios sejam sanadas. A variação de atividades ainda possibilita o ensino do conteúdo através de diferentes métodos, seja por meio de vídeos, músicas, leituras ou discussão em grupos.

O modelo de estação por rotações permite ao professor dividir a sala de aula em diversas estações de trabalho, em que cada uma possui uma atividade diferente, e após um tempo, previamente combinado com os estudantes, todos trocam de estação, podendo mudar, inclusive, de grupos. “O planejamento desse tipo de atividade não é sequencial, e as tarefas realizadas são, de certa forma, independentes, mas funcionam de forma integrada para que, ao final da aula, todos tenham tido a oportunidade de ter acesso aos mesmos conteúdos” (BACICH, TANZI NETO & TREVISAN, 2015, p. 55).

Assim, neste artigo, por meio de uma experiência realizada a partir da aplicação de um plano de aula de língua inglesa que se baseia no modelo de rotação por estações,

almeja-se discutir aspectos teóricos do modelo de ensino híbrido para entender por que, o que e como fazer, além de delinear as primeiras impressões dos alunos ao modelo aplicado.

## 2 Estações

A turma de terceiro ano do curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, no Instituto Federal Goiano – Campus Iporá, para a qual o plano de aula baseado no modelo de rotação por estações foi criado e aplicado compreende 28 alunos no total, sendo 16 do sexo feminino e 11 do sexo masculino, com idades entre 17 e 20 anos.

O ensino médio do Instituto Federal Goiano – Campus Iporá tem cursos técnicos na modalidade integrada em agropecuária, em informática ou em química. A escolha de uma turma do curso Técnico em Agropecuária se deve ao fato de que esta foi a que mais teve resistência em utilizar a plataforma de aprendizagem (adaptada para uma comunidade no *Google+* e por meio do *Google Drive*) para realizar trabalhos e exercícios ao longo do ano. Além disso, os alunos se sentem inferiores no uso da tecnologia e da própria língua alvo em relação aos alunos do curso de técnico em informática, muitas vezes dizendo que não conseguem, apesar de utilizarem largamente a tecnologia para acessar redes sociais e usar editores de textos.

O terceiro ano foi o escolhido por apresentar um perfil de alunos mais heterogêneo, alguns que são quase fluentes na língua alvo, enquanto outros são rudimentares em aspectos básicos da língua. Além disso, a turma é dividida em dois grupos que não gostam de se integrar. Esperava-se que o modelo de estação por rotações os auxiliasse a interagirem mais com o maior número de pessoas possíveis, assim como a expressarem suas dúvidas e dificuldades.

O modelo de rotação por estações possibilita a diversificação de atividades para um mesmo tema em uma única aula (nesse contexto, são duas aulas agrupadas, com 55 minutos cada, perfazendo um total de 1 hora e 50 minutos), respeitando, assim, os modos de aprendizagem de cada estudante, já que o ritmo de cada um é variável de acordo com a disciplina, o conteúdo ou, inclusive, as motivações internas e externas.

As aptidões também são diferentes e um aluno aprende melhor ao visualizar o exemplo na prática enquanto outro precisa realizar exercícios que tenham relação com a

teoria explicada. Aliado a essa premissa é interessante compreender a teoria das inteligências múltiplas, desenvolvida pelo psicólogo Howard Gardner (1994), que quebrou o paradigma de inteligência única ao identificar e definir oito tipos diferentes de inteligência: linguística, lógico-matemática, espacial, musical, corporal e sinestésica, intrapessoal, interpessoal e naturalista. Essa teoria afirma que nenhuma inteligência é melhor ou pior do que a outra e podemos possuir todas elas em níveis diferentes e sermos mais habilidosos em uma ou em outra inteligência, o que explica porque alguém aprende a língua inglesa melhor com músicas, enquanto outro aprendiz prefere ler histórias curtas na língua alvo.

Baseando-nos nessa informação, o primeiro passo para o planejamento do plano de aula no modelo de rotação por estações foi a elaboração de dois questionários, um a ser aplicado antes da aula e outro a ser respondido depois da experiência nesse modelo. No primeiro questionário almejava-se verificar qual tipo predominante de inteligência múltipla de cada aluno em relação ao(s) instrumento(s) de aprendizagem que os ajudam a aprender mais o conteúdo de língua inglesa; além disso questionamos se há alguma experiência marcante em relação às aulas de língua inglesa ao longo da vida escolar de cada um. Já o segundo questionário foi elaborado com o objetivo maior do aluno se auto avaliar e definir melhor sua própria experiência com o modelo de rotação por estações. É importante ressaltar que essa seria a primeira vez que o grupo de alunos escolhido entraria em contato com esse modelo de ensino híbrido, apesar de já estarem acostumados a realizarem atividades em uma plataforma de aprendizagem supracitada.

O planejamento é uma etapa essencial a qualquer plano de aula, o que muda no ensino híbrido é que há a elaboração de diferentes atividades que ocorrerão simultaneamente em um mesmo ambiente. Os desenvolvedores da *Dream Learning* (plataforma de aprendizagem para o ensino de matemática) afirmam que o planejamento deve definir metas de aprendizagem claras, monitorá-las com frequência, e esperar para fazer ajustes na sua estratégia de implementação; a perfeição não deve ser esperada na primeira tentativa, portanto, alterações e ajustes devem ser feitos ao longo do tempo, sem precipitar-se com a avidez de se obter resultados satisfatórios. Tudo é um processo de adaptação.

A aula a ser relatada aqui foi aplicada no final da unidade 6 do terceiro volume do livro didático *High Up*, das autoras Reinildes Dias, Leina Jucá e Raquel Faria, da editora Macmillan, que tinha os diferentes tipos de amor como seu tema principal, de modo que os alunos pudessem discutir sobre casais famosos, relações abusivas e o conceito de amor, utilizando o vocabulário aprendido na unidade. Por conseguinte, todas as estações abordaram o amor como temática.

A primeira estação foi elaborada a partir da música *The only exception*, da banda americana Paramore. Os estudantes teriam que ouvir a música, (ênfase a habilidade de *listening*) com a opção de parar, retroceder ou avançar a qualquer momento e tentar completar os exercícios referentes a ela (todos os exercícios estão em anexo), que foram elaborados para retomar a estrutura verbal do *simple past* e para que o grupo pudesse discutir (ênfase a habilidade de *speaking*) como o amor é abordado pela música e o que cada um sente em relação a ele.

A segunda estação foi planejada a partir de um vídeo curto intitulado *Short story about High School love*, retirado do *YouTube*. Os estudantes tinham que ver o vídeo (que não contém falas) e interpretar seu enredo, respondendo perguntas que procuravam fazê-los entender quem eram os personagens, suas motivações, o clímax da história e o final dela. Também os levava a discutir se acreditam ou não em amor à primeira vista, colocando a ênfase na compreensão textual e na habilidade de *writing*, além de aprimorar a habilidade de *speaking* ao final da atividade.

A terceira estação era a que menos estava relacionada com o tema amor, pois era um jogo, baseado em *Imagem e Ação*, em que os alunos se dividiriam em dois grupos com um deles atuando de juiz, em que tentariam desenhar o que a palavra escolhida representava, de modo que seu grupo pudesse adivinhar o vocábulo em inglês. Ademais de promover uma atividade em que todos se envolvessem no grupo, o jogo desperta o espírito de competição, o que os levaria a tentar adivinhar cada palavra mais rápido, rememorando vocabulários aprendidos ao longo de sua formação escolar, além de desenvolver o modo como cada um pronuncia cada termo, desenvolvendo a habilidade de *speaking*.

Ainda, havia uma estação final em que todos deveriam escrever em uma folha sua concepção sobre o amor, criando, portanto, uma *hashtag* (*#loveis...*). Por serem

adolescentes, a temática os motivaria a se expressarem mais e melhor por estarem vivendo histórias bem-sucedidas e/ou decepções amorosas em suas relações sociais.

A parte online que o ensino híbrido exige no planejamento ficaria por conta dos questionários que seriam postados em uma plataforma online, o *Google Formulários*, e o vídeo que seria acessado no site do *YouTube*. A opção de parar, voltar ou avançar que tanto o vídeo quanto a música permitiriam também é uma forma inovadora, que rompe com a sala de aula tradicional, pois cede o poder, que antes o professor detinha, ao aluno, transformando-o em um sujeito responsável pelo próprio conhecimento, por traçar o caminho que melhor se adequa a ele e pedir ajuda quando não consegue prosseguir.

Uma mudança nos paradigmas foi necessária para se implementar o modelo de estação por rotações: o espaço do quadro enfatizado na frente não mais existiria e o norte de frente e fundo seria completamente modificado, pois todos se movimentariam por todos os lugares. O papel de professor, que sempre está no centro, seria modificado para o aluno enxergá-lo como um colaborador que está ali para apoiá-lo; a estrutura fixa de cadeiras enfileiradas seria dividida em três estações; o conteúdo não seria mais tão enfatizado por meio de uma explicação do professor, mas para sanar dificuldades do aluno, que se torna o centro do processo, responsável por sua aprendizagem.

Nosso sistema educacional, não apenas nos EUA, não foi construído para otimizar o aprendizado para cada aluno. Foi construído como uma indústria para atender a um grande número de alunos. Funcionou bem numa economia industrial, mas [não] na economia do conhecimento, quando se questiona por que o modelo não serve a muitos alunos. O sistema [educacional] está fazendo exatamente o que ele foi programado para fazer. O que temos visto consistentemente é que a inovação disruptiva é o único jeito confiável de se transformar o sistema. A coisa mais legal do ensino híbrido é que você pode personalizar o ensino para diferentes necessidades dos alunos. (HORN, *apud* GOMES, 2014)

No início, mesmo sendo eternos aprendizes, os alunos têm certa relutância em se encarregar de sua própria aprendizagem, já que muitos deles estão acostumados a reproduzir discursos, respostas e ações no ensino tradicional, sempre seguindo etapas pré-definidas de forma mecânica. Já em um ensino centrado no aluno, como o modelo de ensino híbrido propõe, eles precisam tomar suas próprias decisões e recorrer ao professor quando não conseguem compreender após algumas tentativas. Os alunos aos quais a aula do

modelo de estação por rotações seria aplicada já estavam acostumados a esclarecer dúvidas com os professores e/ou monitores das disciplinas em horários definidos fora de sala de aula, porém presumia-se que a modificação no jeito de conduzir a sala de aula os fizesse recuar um pouco, mesmo que depois se engajassem nas atividades propostas em grupos.

Os benefícios de um projeto pedagógico centrado no ensino híbrido e no aluno como sujeito, no qual o processo de ensino-aprendizagem está focado, são inúmeros e almejava-se que alguns se destacassem na primeira aplicação de uma aula no modelo de estação por rotações: o diálogo entre alunos estabelecido pela formação de grupos, o aprendizado mais significativo do conteúdo e o protagonismo de cada um ao assumir sua aprendizagem.

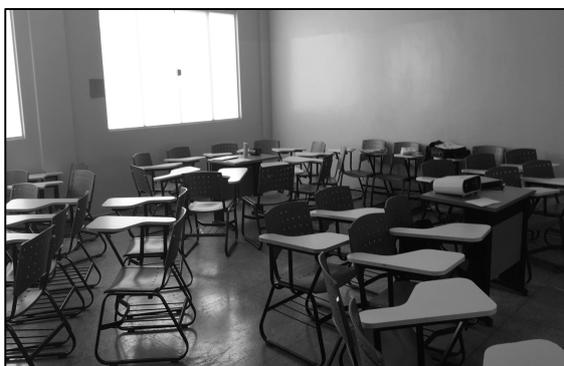
### 3 Resultados

A escolha do modelo de estação por rotações e aplicação do plano de aula foi motivada pelo desejo de saber como a teoria acontecia, de fato, na prática. Clayton M. Christensen (2012), Michal Horn (2015), Adolfo Tanzi Neto (2015), dentre outros teóricos que abordam o ensino híbrido como prática de ensino, apenas nos dão o norte de quais são os modelos e como eles funcionam. Surgem, portanto, diversas inquietações sobre o como fazer, tendo em vista o espaço de uma sala de aula tradicional a ser utilizada e os escassos recursos tecnológicos que a maioria das escolas (não) possuem.

Depois da conclusão do plano de aula, da elaboração de todas as atividades que seriam realizadas em sala de aula e da adequação dos recursos a serem utilizados em todas as estações, pensou-se no espaço físico. A primeira preocupação foi a forma como os alunos seriam organizados, pois almejava-se grupos diversos em todos os momentos. Assim, dividimos números para as três estações a serem utilizadas simultaneamente em todos os três momentos de modo que eles modificassem os grupos, por exemplo, aqueles que ficarão na primeira estação no primeiro momento serão divididos entre a segunda e a terceira estação em um momento posterior.

A sala de aula também foi rearranjada de modo que se pudesse circular livremente entre as carteiras e que a atividade de um grupo não interrompesse aquela que seria realizada por outro grupo em outra estação. Além disso, em todas as estações deixou-se dicionários para serem utilizados (a aluno poderia, inclusive, utilizar um dicionário *online*,

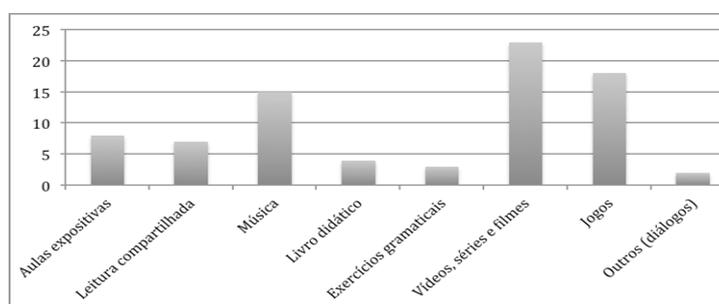
mas a conexão nem sempre é confiável no bloco de sala de aulas, por isso, optou-se por utilizar dicionários impressos) e as atividades que seriam realizadas.



**Figura 1.** Panorama da organização da sala de aula em estações.

**Fonte:** A autora.

Ao começar a aula, os alunos já tinham respondido o primeiro questionário (em anexo), que abordava a teoria de inteligências múltiplas e as experiências vividas pelos alunos em aulas de língua inglesa. Os resultados apontaram que 25% dos estudantes julgavam possuir predominantemente a inteligência lógico-matemática, 21% a interpessoal (resultado curioso para uma classe que se mostrava dividida em dois grupos distintos), 14% a linguística, 14% a corporal, 11% a musical, 11% a intrapessoal, 4% a espacial e ninguém optou pela naturalista. Os resultados refletiram o caráter heterogêneo da turma, algo que a segunda pergunta reforçou, já que seu objetivo era que os alunos marcassem o melhor instrumento de aprendizagem de uma língua estrangeira. É importante destacar que na segunda pergunta os alunos poderiam escolher quantas opções desejassem.



**Figura 2:** Gráfico sobre os instrumentos de aprendizagem que ajudam cada um a aprender a língua inglesa

**Fonte:** A autora.

Dentre as respostas à segunda pergunta, duas delas se destacam: o fato de vídeos, séries e filmes serem a resposta de mais de dois terços da turma, em consonância com o fato de que todos são nativos digitais e convivem facilmente com a tecnologia, aprendendo, mesmo inconscientemente, com ela; e o fato de aulas expositivas ter sido a resposta de 7 alunos, o que acreditamos se deve ao modo como o ensino tradicional está implantado no modelo de escola brasileiro e ao fato de os alunos estarem acostumados a esse tipo de metodologia desde crianças, não ousando sair de sua zona de conforto.

Além disso, a terceira pergunta solicitava que os alunos relatassem experiências marcantes em relação às aulas de língua inglesa ao longo da sua vida escolar. A maioria optou por relatar lembranças positivas e todas elas incluíam atividades com músicas ou jogos (o que saía da rotina de uma sala de aula tradicional) em que se sentiam mais livres e interessados em aprender. Alguns disseram que não tinham lembranças marcantes, enquanto poucos relataram experiências negativas, mas, dentre elas, uma chamou a atenção: “Quando eu vou ler e todos começam a rir. Quando mandam eu perguntar o que é tal palavra para a professora é besteira.” Esse relato demonstra um aprendiz assustado com a língua alvo, aquele que não se arrisca e a quem o ensino personalizado e o modelo de rotação por estações podem auxiliar.

Identificou-se os alunos por meio de números impressos e todos seguimos para uma sala de aula vazia, anteriormente organizada, com uma explicação prévia de que ao chegar lá eles trabalhariam em grupos e teriam que se organizar de acordo com a ordem de números que já se encontrava no quadro. A princípio, todos demoraram um pouco para encontrar seus respectivos lugares e a organização dos números para a primeira rotação. Mas, quando todos se sentaram, o entendimento de cada atividade a ser realizada foi fácil. Como era a primeira aula do modelo aplicada, combinou-se que a cada 25 minutos um alarme soaria e eles trocariam de estações de acordo com a disposição dos números previamente organizada pela professora. Entendemos que essa imposição não é consoante ao que o modelo propõe, pois o professor detém o controle do tempo, mas como efeito de transição de um modelo tradicional para o ensino híbrido foi a melhor maneira encontrada para que os alunos entendessem e internalizassem o que o modelo de rotação por estação propunha. Outras aulas foram realizadas com a mesma turma no mesmo modelo e os alunos

punderam optar pelo tempo que permaneceriam em cada estação e qual caminho seguir entre elas. É interessante notar que na segunda rotação todos mudaram de lugar de forma mais ordenada e na terceira parte, após o toque do alarme, a mudança de estações aconteceu de forma tranquila, sem confusões, o que ocorreu porque a ordem a ser seguida foi estabelecida pela professora.

Algumas dificuldades foram encontradas ao longo da realização de atividades. Na primeira estação, os alunos ficaram receosos em realmente parar a música, retrocedê-la de forma que pudessem entendê-la e completar os exercícios de *filling the gaps* propostos. Ouviam a música toda inúmeras vezes e somente após a orientação da professora, que mexeram no computador disposto nessa estação e puderam controlar o ritmo em que a música era reproduzida, tal qual o professor faz nas aulas de *listening*. Todos trabalharam bem em grupo, no entanto as atividades foram extensas para o tempo previsto para a estação e algumas ficaram sem respostas. Mesmo assim, vários alunos procuraram ouvir a música em casa depois e se sentiram interessados em discutir sua temática, que abordava uma desilusão amorosa, em uma aula posterior.

Na segunda estação, em que tinham que assistir um vídeo sem diálogos para responder algumas perguntas sobre o enredo e sobre as intenções dos personagens, os alunos puderam exercer seu pensamento crítico em relação ao amor à primeira vista e às relações fugazes. No entanto, como na primeira estação, ficaram receosos, a princípio, em mexerem no computador para adiantar, retroceder ou pausar o vídeo e a professora teve de intervir para possibilitar que eles fizessem aquilo de modo que pudessem responder melhor as perguntas. Verificou-se que os alunos tentavam adivinhar o final do enredo, conversando uns com os outros, e as atividades foram feitas mais rapidamente do que na primeira estação.

A terceira estação, por se basear em um jogo, foi a que mais chamou a atenção dos alunos e com a qual eles se adaptaram logo, sem grandes orientações por parte da professora. Apenas entregamos as regras e os materiais e dissemos que deveriam se dividir em dois grupos, com um juiz. O interessante dessa estação é que o juiz, em todos os três momentos, sempre foi representado por alunos que geralmente não se interessam em fazer as atividades em sala de aula, estão sempre dispersos ou conversando com o(s) colega(s).

Além disso, possibilitou o aprendizado de diversas palavras, inclusive que já tinham sido vistas em sala de aula, mas que não tinham sido internalizadas pelos alunos. Supôs-se que essa atividade poderia desviar a atenção dos alunos em outras estações, mas isso aconteceu em pontos isolados e rapidamente, já que todos entenderam que passariam por todas as estações e teriam a oportunidade de realizar todas as atividades.



**Figura 3:** Primeira estação  
**Fonte:** A autora.



**Figura 4:** Segunda estação  
**Fonte:** A autora.



**Figura 5:** Terceira estação  
**Fonte:** A autora.

É interessante observar alguns pontos durante a realização das atividades em todas as estações: os alunos apresentaram muito receio ao novo, medo de se arriscar que somente foi sanado depois de terem sido autorizados pela professora a manusear os computadores que se encontravam à disposição, o que demonstra como as proibições estão arraigadas ao nosso sistema de ensino. Os aprendizes procuraram palavras no dicionário sem que a professora sugerisse essa possibilidade, algo que não ocorre no cotidiano de sala de aula. Além disso, todos se sentiram mais livres para realizar a atividade da estação final sem perguntar como seria uma palavra ou outra para caracterizar o amor e, o primordial, sem medo de errar, pois tinham recursos como o dicionário para que isso não acontecesse. Eles desenvolveram também a possibilidade de confiarem em si mesmos em apenas três estações.



**Figura 6:** Estação Final  
**Fonte:** A autora.

O segundo questionário almejava descobrir como os alunos avaliavam a aula no modelo de estação por rotações e como se autoavaliavam durante a realização das atividades. Metade dos alunos afirmou que a aula foi boa enquanto a outra metade disse ter sido ótima, mesmo que tivesse opções como péssima, ruim e mediana, que não foram marcadas. Ao responder em qual estação mais aprenderam, 68% escolheram a terceira estação, enquanto 25% optaram pela primeira e 7% pela segunda. Não é de se surpreender que a maioria tenha escolhido o jogo e, ao justificar, tenha predominantemente utilizado palavras como competição e interação, estando de acordo com as razões que Christensen (2012) enumera para o aluno estar na escola: ser desafiado e estar com os amigos.

Perguntou-se, assim, como foi trabalhar com grupos distintos tendo em vista a divisão da turma: 82% afirmaram ter sido bom, enquanto 18% disseram ter sido ruim. Dentre as respostas, algumas se destacaram: “Hoje foi bom, mas na maioria das vezes é chato”; “Até que foi legal”; “Diferente, mas legal”; “Fora de cogitação!”; “Seria uma forma de nos unirmos mais, achei muito bom.” As duas primeiras respostas revelam que os alunos têm uma noção errônea do que seja o trabalho em grupo, normalmente um ou dois participam e fazem o trabalho enquanto os outros conversam ou se distraem com outras atividades.

Como primeira experiência, notamos que o tempo e a transição de uma estação para a outra, que deveriam ser escolha do aluno, foram controladas pela professora. Além disso, gastou-se muito tempo, no início, explicando que os alunos poderiam manusear os recursos tecnológicos disponíveis da maneira que julgassem melhor na sua aprendizagem. No entanto, dúvidas pontuais foram sanadas e pudemos acompanhar as atividades em todas as estações.

Acreditamos que um trabalho contínuo por meio do modelo consiga alcançar a personalização do ensino e motive o aluno a sair de sua zona de conforto em busca de novos conhecimentos, desmistificando frases arraigadas de não ser capaz de fazer algo. Também pode vir a proporcionar o planejamento de estações diferentes a um grupo de estudantes ou proporcionar que nem todas as estações sejam incluídas na rotação de um aluno, prevendo, ainda, que cada um possa fazer seu percurso.

#### 4 Considerações Finais

O modelo de estação por rotações amplia a conexão do professor com os alunos, potencializa o aprendizado da língua alvo, torna o ensino mais significativo para os sujeitos inseridos no processo (muitas vezes desmotivados por modelos de ensino tradicionais), personaliza o ensino de modo que cada um participe ativamente do processo por meio do diálogo com o outro, possibilitando o desenvolvimento relações interpessoais em sala de aula. Além disso, viabiliza que cada aluno pense sobre seu próprio aprendizado, o que errou e o que pode fazer para melhorar, sempre em busca de soluções, se auto avaliando a cada etapa.

##### A avaliação no modelo de ensino híbrido

(...) não só deve estar focada no aluno, para que seja possível verificar a aprendizagem e devolver soluções, mas também precisa ser uma parte constante dessa relação de ensino. É por meio dos resultados das avaliações – devidamente orientadas para o que se planeja alcançar – que a personalização poderá ser realizada. Assim, fecha-se o ciclo de desnaturalização da avaliação no espaço escolar: rotineiro elemento de seleção, ela é ressignificada com uma função muito mais valiosa na orientação do processo de aprendizagem, para então retornar à rotina escolar. (RODRIGUES, 2015, p. 128)

Durante a aplicação dessa aula no modelo de rotação por estações, buscou-se conceder autonomia ao aluno, inclusive para que ele pudesse realizar uma análise por meio do segundo questionário e de acordo com cada avaliação. Percebe-se, no entanto, que o sistema baseado em notas está tão presente no cotidiano de sala de aula e na ideologia do aluno, que precisa receber uma mensuração ao realizar uma atividade, que a maioria dos alunos se avaliou por meio de notas que variavam de 0 a 10, poucos refletiram sobre o que realizaram e suas dificuldades em cada etapa.

O principal resultado obtido por meio dessa aula foi perceber que o modelo funcionou melhor do que se previa e conseguiu que os alunos interagissem entre si de uma forma que não seria possível em uma sala de aula tradicional. Foi muito bom, também, ver que todos gostaram da aula e pediram por mais, inclusive sugerindo atividades para aulas posteriores. Alguns tropeços aconteceram, como a atividade da primeira estação, que não foi planejada para o tempo proporcionado (vinte e cinco minutos), e a falta de uma sequência maior entre as atividades que abordavam apenas uma única temática, tornando-

se, às vezes, repetitivas. No entanto, considera-se que para uma primeira tentativa, o resultado foi melhor do que o esperado.

Além disso, notou-se grande interesse dos outros alunos que passavam pela porta da sala em saber o que estava acontecendo e até de turmas do turno noturno. Ao verem as frases sobre a visão de o que é o amor para cada um, produzidas e afixadas em um mural, muitos comentaram que as visões eram muito pessimistas, mas todos tentaram ler e aprender algumas palavras em língua inglesa.

Um professor que escolhe o ensino híbrido precisa conhecer, testar, escolher e validar ferramentas digitais. Testar implica pesquisar e estar em contato constante com o que é desenvolvido em tecnologia, procurando instrumentos cada vez mais simples e concisos. Escolher implica definir que determinada ferramenta será útil para cumprir o objetivo de aprendizagem em questão e, conseqüentemente, deve ser experimentada pelos alunos. A validação é o processo mais complexo, pois exige que o professor verifique se o instrumento causou impacto no processo de aprendizagem. (LIMA & MOURA, 2015, p. 95)

As possibilidades de desenvolvimento desse modelo em outras turmas e em outros conteúdos são inúmeras, o primeiro passo já foi dado e o posicionamento do professor e dos alunos já é outro frente ao modelo e ao uso da tecnologia em sala de aula. Muitas vezes, como professores, pensamos que o aluno pode dispersar-se por meio da utilização da tecnologia, mas se ele tem uma atividade a ser feita e se sente motivado por ela não há motivos para preocupações, o aprendiz se dispersa muito mais em uma atividade monolítica em sala de aula como uma aula expositiva.

Ademais, por meio do ensino híbrido cada um pode aprender em seu próprio ritmo, controlando sua aprendizagem (o que é possível após algumas aulas no modelo de rotação por estações), esclarecendo dúvidas com os pares ou com o professor e garantindo que nenhum conteúdo seja visto sem que o anterior seja realmente aprendido. *Feedbacks* constantes são um dos pontos chave desse modelo de ensino e fornecem informações para o professor formar grupos e planejar atividades de acordo com as necessidades mais prementes de cada um.

Outro ponto importante dessa aula é observar que não é necessário um espaço diferente ou móveis diferentes, mas é possível adaptar a sala de aula de tijolos, com um quadro e carteiras enfileiradas de acordo com os objetivos a serem alcançados. Ainda, ao

contrário do que muitos pensam, o ensino híbrido não é simplesmente sobre tecnologia, mas, por meio do uso desta, pretende capacitar educadores para entender melhor como apoiar e diferenciar o ensino para os aprendizes, de modo a fazer suas experiências no processo de ensino-aprendizagem envolventes e significativas.

## REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; TREVISANI, Fernando de Mello; TANZI NETO, Adolfo (org.). *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso Editora, 2015.

CASTELLS, Manuel. (2009). *Communication Power*. New York: Oxford University Press.

CHRISTENSEN, Clayton M; HORN, Michael B; JOHNSON, Curtis W. *Inovação na sala de aula: como a inovação disruptiva muda a forma de aprender*. Porto Alegre: Bookman, 2012.

DIAS, Reinildes. JUCÁ, Leina. FARIA, Raquel. *High up: ensino médio*. Cotia, SP: Macmillan, 2013.

DREAMBOX LEARNING. Disponível em: <<http://www.dreambox.com/blog/thoughts-implementing-blended-learning-model>>. Acesso em: 18 set. 2016.

GARDNER, Howard. *Estruturas da mente: a Teoria das Múltiplas Inteligências*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GOMES, Patrícia. *Ensino híbrido é o único jeito de transformar a educação: entrevista com Michael Horn*. 2014. Disponível em: <<http://porvir.org/ensino-hibrido-e-unico-jeito-de-transformar-educacao/>> . Acesso em: 18 set. 2016.

GOOGLE FORMULÁRIOS. Disponível em: <<https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>>. Acesso em: 05 set. 2016.

HORN, Michael B.; STAKER, Heather. *Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação*. Porto Alegre: Penso Editora, 2015.

LIMA, Leandro Holanda Fernandes; MOURA, Flávia Ribeiro de. O professor no ensino híbrido. In: BACICH, Lilian; TREVISANI, Fernando de Mello; TANZI NETO, Adolfo (org.). *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso Editora, 2015.

PRENSKY, Mark. O papel da tecnologia no ensino e na sala de aula. *Conjectura*, v. 15, n. 2, p. 201-204, maio/ago. 2010.

RODRIGUES, Eric Freitas. A avaliação e a tecnologia. In: BACICH, Lilian; TREVISANI, Fernando de Mello; TANZI NETO, Adolfo (org.). *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso Editora, 2015.

SHORT STORY ABOUT HIGH SCHOOL LOVE. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ziAlTeTeNgY>>. Acesso em: 05 set. 2016.

THE ONLY EXCEPTION. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=-J7J\\_IWUhs](https://www.youtube.com/watch?v=-J7J_IWUhs)> Acesso em: 05 set. 2016.

## ANEXOS

### QUESTIONÁRIO 1

1 – Qual seu tipo predominante de inteligência? (Escolha apenas uma opção)

( ) **Lógica** – voltada para conclusões baseadas em dados numéricos e na razão. As pessoas com esta inteligência possuem facilidade em explicar as coisas utilizando-se de fórmulas e números. Costumam fazer contas de cabeça rapidamente.

( ) **Linguística** – capacidade elevada de utilizar a língua para comunicação e expressão. Os indivíduos com esta inteligência desenvolvida são ótimos oradores e comunicadores, além de possuírem grande capacidade de aprendizado de idiomas.

( ) **Corporal** – grande capacidade de utilizar o corpo para se expressar ou em atividades artísticas e esportivas. Um campeão de ginástica olímpica ou um dançarino famoso, com certeza, possuem esta inteligência bem desenvolvida.

( ) **Naturalista** – voltada para a análise e compreensão dos fenômenos da natureza (físicos, climáticos, astronômicos, químicos).

( ) **Intrapessoal** – pessoas com esta inteligência possuem a capacidade de se autoconhecerem, tomando atitudes capazes de melhorar a vida com base nestes conhecimentos.

( ) **Interpessoal** – facilidade em estabelecer relacionamentos com outras pessoas. Indivíduos com esta inteligência conseguem facilmente identificar a personalidade das outras pessoas. Costumam ser ótimos líderes e atuam com facilidade em trabalhos em equipe.

( ) **Espacial** – habilidade na interpretação e reconhecimento de fenômenos que envolvem movimentos e posicionamento de objetos. Um jogador de futebol habilidoso possui esta inteligência, pois consegue facilmente observar, analisar e atuar com relação ao movimento da bola.

( ) **Musical** – inteligência voltada para a interpretação e produção de sons com a utilização de instrumentos musicais.

2 – Qual instrumento de aprendizagem ajudam você a aprender mais o conteúdo de língua inglesa? (Quantas opções quiserem marcar)

( ) Aulas expositivas (o professor fala e você escuta).

( ) Leitura compartilhada.

- ( ) Música.
- ( ) Livro didático.
- ( ) Exercícios puramente gramaticais.
- ( ) Vídeos, séries e filmes.
- ( ) Jogos.
- ( ) Outros: \_\_\_\_\_

3 – Há alguma experiência marcante em relação à aula de língua inglesa ao longo da sua vida escolar? Explique.

### QUESTIONÁRIO 2

1 – Como você julga a aula baseada em rotação por estações?

- ( ) Péssima ( ) Ruim ( ) Mediana ( ) Boa ( ) Ótima

2 – Em qual das estações você mais compreendeu vocabulários?

- ( ) Estação 1 – Música  
( ) Estação 2 – Vídeo  
( ) Estação 3 – Jogo

Por que você conseguiu aprender mais coisas nessa estação?

3 – O que você pensa em trabalhar em grupos diferentes ao longo da aula?

4 – Qual tipo de atividade você acrescentaria para mais uma estação?

5 – Como você se autoavalia em cada estação? Pense em sua postura e na dificuldade ou facilidade que você teve para realizar as atividades?

Primeira Estação - \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Segunda Estação - \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

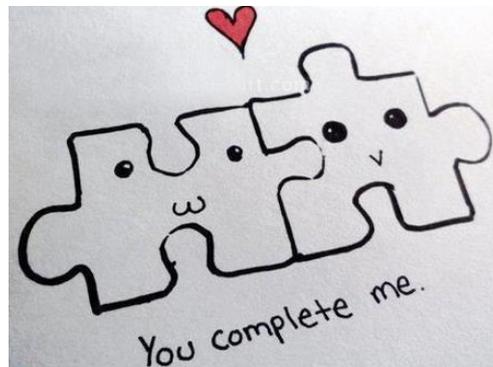
Terceira Estação - \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Estação Final - \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**STATION 1 – MUSIC**  
**THE ONLY EXCEPTION – PARAMORE**

1 - Listen and complete the blanks with a past tense verb:

When I \_\_\_\_\_ younger I \_\_\_\_\_  
My dad crying  
And \_\_\_\_\_ at the wind  
He \_\_\_\_\_ his own heart  
And I \_\_\_\_\_ as he \_\_\_\_\_ to reassemble it  
And my mamma \_\_\_\_\_ she would never let herself forget  
And that \_\_\_\_\_ a day that I \_\_\_\_\_.  
I'd never sing of love if it does not exit  
But darling...



**2. Listen to the song match the verses:**

- |                                   |                              |
|-----------------------------------|------------------------------|
| a) Maybe I know somewhere....     | ( ) ...with loneliness       |
| b) That love...                   | ( ) ... like this            |
| c) And we've got to find...       | ( ) ... other ways           |
| d) To make it alone...            | ( ) ... in my soul           |
| e) And I've always....            | ( ) ... distance             |
| f) Keeping a comfortable...       | ( ) ... worth the risk       |
| g) And up until now...            | ( ) ... never lasts          |
| h) That I'm content...            | ( ) ... I swore to myself    |
| i) Because none of it was ever... | ( ) ... keep a straight face |

**3 - Listen and circle the word you hear:**

I've got a tight crip/grip on reality  
But I can't/can let go of what's front of me here  
I know you're leaving in the morning, when you  
wake/get up,  
Leave me with some kind of proof it's not a  
cream/dream  
You are the only exception.  
And I'm on my way to believing

**SONG FACTS** - Read the song facts about *The Only Exception* and answer the questions. (From [songfacts.com](http://songfacts.com))

- This expressive acoustic number is a sincere song about love. Lead vocals Hayley Williams told *Kerrang! Magazine* on May 9<sup>th</sup>, 2009, that it's "the first time I've been able to write a song about that." She added: "Josh (Farro - guitar) brought me the music and I thought it was so beautiful. I don't know where my head was at when I heard it, but it really hit me. Josh and I wanted to write a two-minute interlude, just guitar and vocals. When I wrote the lyrics and sang them to the band, we decided to make it into a full song. I've never written lyrics like this before. The first verse is about where I think the fear to be open or vulnerable started. Ever since the first story in *Kerrang!*, everyone has known about my family issues and domestic stuff. Once, I played this song to my mom and there were tears. It was kind of embarrassing."
- Hayley Williams told *Alternative Press Magazine* about this song: "This is the first love song I've ever written. And even if I've tried in the past, this is the first one that I'm really proud of. I like that I was able to express the fact that I have always been really afraid of love - and I still am at times - but the excitement and the hope that it exists is still very evident in the lyrics. So it's not like I'm a total pessimist! Love is a good thing, kids."
- The song's music video was directed by photographer Brandon Chesbro. This was his first incursion into music-video direction, although he had worked closely with the band before. Chesbro told MTV News that he is most proud of the scene where Hayley is laying down on a giant pile of Valentine's Day cards that were solicited by the band and sent in by fans. "In two days we got 500 cards," he said. "The band has crazy fans. All those cards are so detailed - these kids spent serious time on these cards. That's my favourite part of the video. It was the first thing we filmed and I thought that if something falls apart and we only have that one shot, that could be the video all by itself and it'd be perfect."
- The man playing Hayley's dad in the video is her real father and the guy who shares the couch with Williams at the beginning of the clip is a friend of Chesbro.

5. What does Hayley Williams think about love?
6. What did the director Chesbro and the band ask the fans to film the video?
7. What do you think the following expressions mean?
  - **Curse at the wind**
  - **Keep a straight face**
  - **Keep a comfortable distance**

8. How did love is represent in the music? (Discuss in group)

9. What do you think about love? (Discuss in group)

### **STATION 2 – VIDEO** **SHORT STORY ABOUT HIGH SCHOOL LOVE**

QUESTIONS:

- 1 – Where did the story happen?
- 2 – What did the boy fell when he saw the girl in the red dress?
- 3 – Why did the boy meet the girl after classes?
- 4 – Which subjects do you think they talked to each other?
- 5 – How did they become friends?
- 6 – Why did the boy pick up a flower?
- 7 – What did the boy see to drop the flower?
- 8 – How did he fell this moment?
- 9 – What happen in the end of the story?
- 10 – Do you believe in love at first sight? Why?
- 11 – Do you believe friends can become girlfriend/boyfriend? Why?
- 12 – How do you fell with a deception in love?

- Discuss every answer with the group.

**STATION 3 – Pictionary**  
RULES

- You are going to be divided into two equal teams. One person needs to be the judge;
- Two members of the team are going to draw something in each turn;
- The judge will roll the dice and a member is going to choose between two words. For example if the letter in the dice is P, the member can choose between two words in the card in this category (people or places), each word has a value. Then, the two members will draw the same word. The group who said the correct word first in the maximum time of one minute earn the points and can roll the dice and choose the next word;
- The group will win if in the end of the time of this station has more points.

Data de submissão: 25/09/2016. Data de aprovação: 02/11/2016